



NASA

Imagem da Terra à noite mostra a iluminação dos principais centros populacionais do mundo. A imagem foi criada a partir de uma montagem de dados adquiridos entre 18 Abr 12 e 23 Out 12 pelo satélite Suomi National Polar-orbiting Partnership.

Operações nas Futuras Megacidades Lições da Cidade de Sadr

Maj Christopher O. Bowers, Exército dos EUA

As cidades do futuro, em vez de feitas de vidro e aço [...] serão construídas em grande parte de tijolo aparente, palha, plástico reciclado, blocos de cimento e restos de madeira.

Em vez das cidades de luz arrojando-se aos céus, boa parte do mundo urbano do século XXI instala-se na miséria, cercada de poluição, excrementos e deterioração.

—Mike Davis, *Planeta Favela** [Tradução de Beatriz Medina, 2006, Boitempo Editorial — N. do T.]

Estamos na era da favela. Os estudos sobre futuras cidades e megacidades estão cheios de dados estatísticos, linhas de tendência e analogias comparativas, que profetizam: o futuro da raça humana

é a cidade; o futuro da cidade é a megacidade, e a realidade da megacidade é a favela.

Uma megacidade é uma área metropolitana com uma população total de mais de 10 milhões de habitantes. Os recentes padrões de crescimento das megacidades mundialmente só são ultrapassados pelo de suas favelas, que representam a maior parte do crescimento da população urbana nos últimos tempos¹. Um relatório perturbador, elaborado pela empresa multinacional sueca Ericsson e intitulado *Networked Society: the Next Age of Megacities* (“Sociedade Conectada: a Próxima Era das Megacidades”, em tradução livre), prevê padrões de crescimento comuns nas megacidades: grande



(Wikimedia Commons)

Megacidades ao Redor do Mundo

crescimento devido à migração e taxas de natalidade, grandes assentamentos informais e populações jovens, necessidade de infraestrutura e serviços públicos básicos, corrupção e falta de transparência e a privação de direitos das populações pobres².

Prevê-se que, até 2040, algumas megacidades terão mais habitantes que a atual população da Austrália, de mais de 23,7 milhões³. Até 2050, 70% da população mundial residirá em cidades, e entre 85% e 90% do crescimento da população urbana ocorrerá nas favelas⁴. Esse dado é importante para os planejadores militares porque — como na atualidade — os futuros conflitos ocorrerão onde as pessoas vivem. No futuro, elas habitarão, cada vez mais, cidades e megacidades.

As Forças Armadas dos EUA nunca conduziram operações de combate em uma verdadeira megacidade moderna, com a possível exceção das missões de segurança após o 11 de Setembro em Nova York e durante os distúrbios em Los Angeles nos anos 90. Contudo, as Forças Armadas já enfrentaram muitos desafios com o mesmo escopo e escala que os de uma megacidade: suas vastas redes e conexões; sua densa população de milhões de habitantes pobres; e o objetivo duplo de melhorar as condições ao mesmo tempo que disputam

o controle com um inimigo determinado. Essa foi a experiência militar norte-americana na favela conhecida como Cidade de Sadr, em Bagdá, no Iraque.

Cidade de Sadr

Embora não faça parte de nenhuma das verdadeiras megacidades em âmbito mundial, a Cidade de Sadr reproduz, em menor escala, muitos dos desafios ligados a elas. As adversidades enfrentadas pelos sucessivos batalhões e brigadas do Exército dos EUA que atuaram em meio aos 2,4 milhões de habitantes da Cidade de Sadr podem oferecer um breve estudo de caso sobre o que aguarda as divisões e corpos de exército em futuras megacidades, com 20 a 30 milhões de pessoas.

Uma das maiores favelas do mundo, comumente chamada de Cidade de Sadr, é o bairro de al-Thawra (“revolução”), em Bagdá⁵. Com uma população estimada em 2,4 milhões de habitantes, os 26 quilômetros quadrados da Cidade de Sadr contêm mais habitantes que Filadélfia ou Dallas⁶.

O crescente abismo entre elites entrincheiradas em áreas fechadas e as favelas alimentou o crescimento do que o escritor Richard Norton denominou *feral cities* (“cidades selvagens”)⁷. Os governos geralmente abdicam



(Leonora Enking, Wikimedia Commons)

Grande quantidade de pessoas e famílias se adapta ao seu entorno e se instala em barracos perto da ferrovia no bairro de Dharavi, em Mumbai, Índia, 09 Feb 10. Observam-se, ainda, uma mesquita localizada dentro da favela e parte da rede ferroviária que oferece transporte coletivo para os moradores.

o controle das grandes favelas, sabendo que a lacuna de segurança e serviços será suprida por gangues criminosas, milícias étnicas ou sectárias ou grupos extremistas. Em todo o mundo, as favelas urbanas são desproporcionalmente povoadas por grupos oprimidos étnica ou socialmente — xiitas e curdos, no caso da Cidade de Sadr⁸.

Em *Planet of Slums* [publicado no Brasil com o título “Planeta Favela”, tradução de Beatriz Medina, Boitempo Editorial — N. do T.], Mike Davis descreve a vida nas favelas do terceiro mundo. Parece uma lista das condições existentes na Cidade de Sadr: lagos de esgoto bruto da altura dos joelhos, visíveis em imagens de satélite; pilhas de lixo em decomposição; homens subempregados à busca de alguma fonte informal de renda em uma economia com um excesso de mão de obra ou entregues ao vício e ao escapismo; e taxas endêmicas de mortalidade infantil e defeitos de nascença. A água potável é rara ou inexistente, e as doenças transmissíveis, como o tifo e a disenteria, convivem com pragas rurais, como a ancilostomíase. As redes ideológicas e criminosas prosperam.

Um terço de al-Thawra, na região sul do bairro, consiste nas vizinhanças relativamente abastadas de Habbibiya e Jamila. Além de abrigar uma grande

população curda sunita, essa área contém o Mercado de Jamila, um dos maiores de Bagdá. Jamila pulsa com a indústria e o comércio, suas estradas congestionadas com carretas que transportam mercadorias oriundas de um grande número de fábricas, armazéns e oficinas de usinagem.

Quando se deixa Jamila, o bairro se torna progressivamente violento e pobre, à medida que se avança rumo ao nordeste e se adentra a Cidade de Sadr propriamente. A via principal, Rua al-Thawra, passa por intermináveis setores residenciais densamente povoados e por ajuntamentos cada vez maiores, com milhares de jovens ociosos.

Enquanto as megacidades assistem ao crescimento de favelas nos terrenos não demarcados da periferia, a Cidade de Sadr forma suas próprias favelas, ainda mais fétidas. No encontro da Rua al-Thawra com o limite nordeste da Cidade de Sadr, um largo canal de esgoto bruto demarca as favelas em expansão de Hay Tariq e Hay al Muntader, apelidadas, respectivamente, de “Squaretown” (“Cidade Quadrada”) e “Triangletown” (“Cidade Triangular”) pelas tropas norte-americanas. Esses assentamentos de posseiros, que crescem de forma acelerada, abrigam os habitantes mais carentes,

incluindo muitos refugiados de guerra, deslocados pelo combate em outras áreas do Iraque.

Por terem de lutar pela sobrevivência todos os dias, os moradores das favelas se tornam especialistas em avaliar riscos e oportunidades. Os grupos de homens armados que disputam o controle sobre essas populações desesperadas e oportunistas costumam apoiar-se em uma estratégia comum, denominada “controle competitivo”.

Controle Competitivo em uma Megacidade

Em seu livro *Out of the Mountains: The Coming Age of the Urban Guerrilla* (“Saindo das montanhas: a futura era da guerrilha urbana”, em tradução livre), David Kilcullen propõe uma *teoria de controle competitivo* para explicar as formas pelas quais um grupo armado não estatal tentará controlar populações locais⁹. O conceito é que uma população buscará um sistema previsível de normas, que determine exatamente o que seus integrantes podem ou não fazer para permanecer seguros. A capacidade de impor uma estrutura previsível para o dia a dia, assim como o sentido de segurança que isso gera, está acima de todas as demais considerações na determinação de que grupo a população apoiará. Essa tendência é particularmente marcante entre as populações mais vulneráveis, cujas vidas são definidas pela incerteza, como os migrantes rurais e os refugiados da Cidade de Sadr¹⁰.

Grupos armados, desde as gangues de rua até poderosos governos “paralelos”, como o Hezbollah, tentam impor esses sistemas de controle às populações, por meio de uma combinação de incentivos, ligados a punições, para prevenir lapsos ou traições. O número de fatores — tanto incentivos quanto punições — que um grupo armado possa empregar com credibilidade consiste em seu espectro de controle. Quanto mais amplo for seu espectro de controle, mais duradouro será seu domínio sobre uma população-alvo.

Controle Competitivo na Cidade de Sadr

O movimento do religioso xiita Muqtada al-Sadr buscou impor o espectro mais amplo possível de controle sobre a população da Cidade de Sadr — com bastante sucesso. O espectro de controle sadrista foi além do da maioria dos grupos armados, ao incluir a

legitimidade religiosa. A legitimidade da família Sadr foi reforçada pelo fato de ela ter permanecido no Iraque durante o governo de Saddam Hussein, onde seus membros sofreram e morreram ao lado do oprimido povo xiita.

Durante décadas, a família Sadr operou uma forte e confiável rede de entidades beneficentes nas áreas xiitas do Iraque, especialmente entre as massas carentes. Centenas de milhares de xiitas pobres passaram a depender dos sadristas como sua tábua de salvação e principal meio de subsistência. Não se deve exagerar a generosidade da rede dos Sadr. Ninguém foi salvo da pobreza: o desemprego continuou a reinar; a infraestrutura permaneceu em estado precário; e o lixo, sem ser coletado. Não obstante, em comparação a um governo baathista opressor e abertamente hostil, as iniciativas limitadas dos sadristas conquistaram enorme lealdade entre os habitantes da favela. A seguinte opinião foi expressa a um oficial norte-americano em 2004: “Mesmo que pavimentassem minha rua com ouro, eu continuaria a seguir Muqtada al-Sadr”¹¹.

Após 2003, a fundação do grupo insurgente Exército Madhi, ou Jaysh al-Mahdi, fortaleceu a parte coercitiva do espectro de controle sadrista, com tribunais religiosos condenando e punindo, de formas aterrorizantes, os que desafiassem suas estruturas de controle. O Exército Mahdi não era nada inábil com respeito a confrontos, combatendo tropas norte-americanas repetidas vezes; removendo, implacavelmente, os moradores sunitas de bairros inteiros; e guarnecendo postos de controle para se defender contra a ameaça bastante real e mortífera dos bombardeios da Al Qaeda. Afiliado à organização sadrista mais ampla, o Exército Mahdi foi capaz de manter o controle competitivo da Cidade de Sadr durante meia década de oposição pela nata do Exército dos EUA. O modo pelo qual seu controle competitivo foi finalmente abalado pode ser visto mediante uma comparação de operações militares de 2004 e de 2008 — dois anos que assistiram ao combate mais intenso na Cidade de Sadr.

Os Combates da Cidade de Sadr: 2004 e 2008

Liberada pelo Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA na invasão inicial, a Cidade de Sadr foi designada como Área de Operação (A Op) de uma sucessão de batalhões do Exército dos EUA, entre 2003 e 2006. Em



(Exército dos EUA)

O bairro da Cidade de Sadr em Bagdá, no Iraque, parece calmo dias antes da eleição nacional de 15 Dez 05, para eleger o Conselho de Representantes do Iraque, composto de 275 membros. A Cidade de Sadr conta com cerca de 2,6 milhões de habitantes.

março de 2004, a Força-Tarefa *Lancer*, baseada em torno do 2º Batalhão, 5º Regimento de Cavalaria (2º/5º Btl Cav), da 1ª Brigada de Combate (*Brigade Combat Team — BCT*), 1ª Divisão de Cavalaria, assumiu o controle da A Op da Cidade de Sadr com um efetivo de cerca de 600 homens, substituindo o 2º/2º Regimento de Cavalaria Blindado. Chegaram determinados a obter avanços em várias linhas de esforço, com o intuito de refrear a influência dos insurgentes do Exército Mahdi, reconstruir e melhorar a infraestrutura e serviços, treinar as forças de segurança iraquianas e capacitar o governo iraquiano prestes a ser eleito a assumir o controle tanto do bairro quanto da nação¹².

Contrariamente aos planos de renovação urbana da Força-Tarefa *Lancer* para a Cidade de Sadr, o bairro foi tomado pelo conflito, que estourou em uma questão de dias. Em 04 Abr 04, o Exército Mahdi deu início a uma rebelião no sul do Iraque. Apoiados abertamente pela polícia iraquiana local, e com a deserção em massa da Guarda Nacional iraquiana na região, o Exército Mahdi se apossou, rapidamente, do que considerava serem os acidentes capitais, invadindo as delegacias policiais e atacando a sede distrital. Também emboscou e ameaçou devastar um pelotão norte-americano, envolvendo,

rapidamente, tropas blindadas e mecanizadas de seis batalhões norte-americanos em 82 dias de combate de rua violento e contínuo. Muqtada al-Sadr declarou um cessar-fogo em maio, em virtude da pressão exercida sobre os sadristas em An Najaf, e o conflito se converteu em uma insurgência latente, antes de estourar um segundo grande levante, entre agosto e outubro de 2004.

Cientes de não terem suficientes efetivos para controlar uma população tão grande e sem recursos e certos meios facilitadores, que ainda não estavam disponíveis em 2004, a Força-Tarefa *Lancer* se concentrou nas áreas mais pobres e violentas no norte da Cidade de Sadr, enquanto uma sucessão de outros batalhões foram enviados a Habbibiya e Jamila. A Força-Tarefa construiu um muro de concreto ao longo da Rua al-Quds, separando a Cidade de Sadr propriamente dita, com a maior parte do Exército Mahdi, do Mercado de Jamila. Sabendo dos investimentos e oportunidades ao sul do muro, mas sem acesso a eles em suas próprias vizinhanças, ou *mahallas*, a população da Cidade de Sadr começou a pressionar os dirigentes locais e os imãs sadristas. Com a intensificação da disputa pelo espectro de controle e incapaz de derrotar



Força Aérea dos EUA Sgt Cohen A. Young

Militares da 2ª BCT, 1ª Div Bld, observam as atividades ao seu redor ao percorrerem trajeto na área do Mercado de Jamila, no bairro da Cidade de Sadr, em Bagdá, no Iraque, 31 Mai 08.

as tropas norte-americanas, que, todas as noites, estacionavam viaturas de combate *Bradley* no meio de suas vizinhanças e eliminavam seus combatentes conforme atacavam, o Exército Mahdi cedeu. Pouco tempo depois, líderes civis na Cidade de Sadr passaram a remover, pessoalmente, dispositivos explosivos improvisados das ruas, com o intuito de atrair verbas dos EUA de volta para o lado norte do muro¹³.

Em 2004, as operações militares na Cidade de Sadr eram consideradas, em seu conjunto, como a operação decisiva da Divisão Multinacional–Bagdá, mas as tropas norte-americanas estavam sozinhas. Além de não ter capacidade nem legitimidade, o governo provisório do Iraque dirigia forças de segurança incapazes de qualquer coisa a não ser eventuais atrocidades. Ao ser substituído em posição pelo 3º Batalhão, 15º Regimento de Infantaria (3º/15º BI), 2ª Brigada de Combate, 3ª Divisão de Infantaria, em janeiro de 2005, o 2º/5º Btl Cav havia eliminado cerca de 1.700 combatentes do Exército Mahdi e investido milhões de dólares em infraestrutura e serviços, mas deixado atrás uma A Op onde os únicos grupos viáveis em disputa pelo controle eram os norte-americanos — que, de maneira bastante pública, pretendiam sair do Iraque — e os sadristas¹⁴.

Os objetivos da política norte-americana de transferir, rapidamente, a autoridade e responsabilidade pela segurança aos iraquianos e o fato de não haver ocorrido um outro levante do Exército Mahdi reforçaram a propensão da liderança dos EUA a querer livrar-se do esforço árduo e vão que a Cidade de Sadr representava. O governo Jaafari, de influência sadrista, concordou rapidamente. Ao retornar para o Forte Stewart, no Estado da Geórgia, em janeiro de 2006, o 3º/15º BI entregou, oficialmente, sua base de operações avançada e a A Op da Cidade de Sadr ao Exército iraquiano. Equipes de transição militares norte-americanas acompanharam os militares iraquianos sob sua orientação por todo o bairro, e as Forças de Operações Especiais dos EUA continuaram a conduzir eventuais incursões, mas a favela se tornou, oficialmente, uma área interdita para os norte-americanos, quando, mais tarde, o governo Maliki proibiu a entrada de suas tropas, em outubro de 2007¹⁵. O Exército Mahdi agora detinha o controle sobre o bairro em praticamente todos os aspectos, estando no auge de seu poder e influência.

O ano de 2008 assistiu aos primeiros ataques efetivos e coordenados contra o espectro de controle do Exército Mahdi — primeiro, na cidade sagrada xiita de

Najaf; em seguida, no sul do Iraque e em Bagdá; e, por fim, na Cidade de Sadr. O governo Maliki, fortalecido por acontecimentos planejados e casuais no conflito no Iraque, desafiou o controle do Exército Mahdi com um ataque do Exército iraquiano em Basra, único porto de águas profundas do país e um centro de transporte e contrabando de mercadorias. Isso mobilizou a rede de facções do Exército Mahdi por todo o Iraque para um confronto direto com as Forças do governo em âmbito nacional. Na Cidade de Sadr, o Exército Mahdi começou a lançar foguetes contra a “zona verde” internacional. Com Basra sob ataque e a rápida vitória sobre as Forças do Exército Mahdi no resto de Bagdá, as forças da coalizão se empenharam em recuperar a Cidade de Sadr e aplicar um golpe potencialmente mortífero contra o espectro de controle do grupo insurgente na capital iraquiana.

A 3ª Brigada de Combate, da 4ª Divisão de Infantaria (3ª/4ª BCT), sob o comando do Cel John Hort, concentrou-se, inicialmente, em Ishbiliya e Habbibiya. Essas áreas da Cidade de Sadr não só representavam o “acidente capital” econômico do bairro e principal fonte de recursos financeiros do Exército Mahdi, como também eram as únicas situadas dentro do alcance máximo dos foguetes de 107 mm e morteiros que o grupo lançava na “zona verde”. Como em 2004, impedir o acesso do Exército Mahdi ao Mercado de Jamila e a pontos de tiro indireto prejudicaria gravemente não só seu espectro de controle dentro da Cidade de Sadr, mas também sua capacidade para contribuir como um dos pilares do levante nacional sadrista¹⁶.

Ao entrar na área, a 3ª/4ª BCT se deparou, imediatamente, com os mesmos ataques em massa enérgicos, mas taticamente rudimentares, que a Força-Tarefa *Lancer* havia enfrentado anos antes. Durante o violento e prolongado combate de rua, viaturas blindadas leves, incluindo *Humvees* e *Strykers* reforçados, não foram capazes de suportar os inevitáveis impactos de lança-granada foguetes e dispositivos explosivos improvisados. Forças pesadas adicionais foram trazidas, mais uma vez, para apoiar o esforço norte-americano¹⁷.

A segunda fase da operação, denominada Operação *Gold Wall*, consistiu na instalação de um muro de barreiras de concreto ao longo dos cinco quilômetros da Rua al-Quds. Como em 2004, isso impediu, fisicamente, a infiltração do Exército Mahdi na área do Mercado

de Jamila, representando um importante golpe contra seu aparente espectro de controle. Desesperados para impedir que terminassem de montar o muro, os combatentes do Exército Mahdi se lançaram contra as defesas organizadas da 3ª/4ª BCT. Segundo estimativas, tropas norte-americanas e iraquianas eliminaram 700 combatentes e vários líderes-chave do Exército Mahdi no decorrer de seis semanas¹⁸.

Integrantes da 3ª/4ª BCT se beneficiaram de uma série de elementos facilitadores, uma rede integrada de capacidades e autoridades sem precedentes para o controle de uma brigada. Incluíam o apoio aéreo aproximado de asa fixa da Força Aérea dos EUA, veículos aéreos não tripulados (VANT) *MQ-1 Predator* e vários outros VANT armados e não armados, equipes de armas aéreas de *AH-64 Apache* em apoio direto e sistemas de lançamento múltiplo de foguetes. Também havia amplo apoio das Forças de Operações Especiais, radar de contrabateria, sensores de câmera de aerostatos de rápida utilização inicial (*rapid aerostat initial deployment — RAID*) e outros meios de Inteligência e Vigilância. Esses meios eram integrados de modo a ligar as capacidades a unidades táticas no terreno e empregados de formas inovadoras e sinérgicas para maximizar os efeitos¹⁹.

Mesmo antes de o combate arrefecer, as Forças de Segurança norte-americanas e iraquianas começaram um esforço intensivo de limpeza e reconstrução, focalizado na área do Mercado de Jamila, mais vibrante em termos econômicos. A população ao sul do muro reagiu oferecendo muito mais Inteligência e cooperação²⁰.

Quiçá o aspecto mais importante, ainda que não alardeado, da Batalha da Cidade de Sadr em 2008 foi o desempenho das Forças de Segurança iraquianas, particularmente, do Exército iraquiano. Depois das infames deserções em massa de 2004 e de desempenhar, durante anos seguidos, um papel secundário em relação às exasperadas e paternalistas Forças Armadas dos EUA, o Exército iraquiano, quase totalmente xiita, estava, por fim, apto e pronto a combater ao lado das tropas norte-americanas como participante de pleno direito nas operações de combate de grande porte contra o Exército Mahdi. As ramificações religiosas e sociais desse fato o tornaram especialmente profundo, representando um importante ataque contra aspectos centrais do espectro de controle dos sadristas por parte do Partido Islâmico Dawa e Conselho Supremo Islâmico

do Iraque, organizações menos violentas, de influência iraniana. Igualmente importante, as tropas norte-americanas insistiram que o Exército iraquiano combatesse e vencesse em uma importante batalha, aparentemente por seus próprios méritos, à vista de todo o país.

O efeito foi significativo: em uma questão de semanas, o Exército Mahdi entrou em colapso, e os militares iraquianos obtiveram o controle das ruas. No dia 12 de maio, Sadr declarou um cessar-fogo unilateral, curvando-se diante da clara mudança no equilíbrio de força xiita em todo o Iraque e conservando a influência e poder de combate que lhe restavam. Em 20 de maio, a 44ª Bda do Exército iraquiano ocupou acidentes capitais no resto da Cidade de Sadr sem enfrentar oposição alguma²¹. Ao contrário de 2005, quando foram alvos de pedregulhos e excremento no norte da Cidade de Sadr, patrulhas iraquianas foram acolhidas com cautela por habitantes que contemplavam um distanciamento calculado do espectro de controle cada vez mais restrito e opressor do Exército Mahdi.

Infelizmente, as condições não melhoraram na Cidade de Sadr. O governo estava mais interessado em conter as favelas que em melhorar suas condições. Em consequência, a infraestrutura da Cidade de Sadr permaneceu em condições desastrosas, e as Forças de segurança iraquianas não foram capazes de proteger os moradores de uma série de terríveis ataques suicidas pela Al Qaeda no Iraque, que ressurgia, e seu sucessor, o Estado Islâmico (EI). Após reorganizar o Exército Mahdi e convertê-lo no movimento sociorreligioso *mumahidoon* e nas militantes “Brigadas do Dia Prometido”, Muqtada al-Sadr conseguiu conservar suas redes profundamente arraigadas na Cidade de Sadr²².

Lições para o Futuro

A guerra urbana em um ambiente de megacidade será uma missão de segurança de área ampla, apoiada pela manobra de armas combinadas. As Forças dos EUA e da coalizão designadas para a tarefa serão eclipsadas pela escala das cidades e populações, já que não é viável evacuar milhões de civis do combate iminente. O objetivo não será o de conquistar e expulsar os adversários de tal área, mas de criar as condições que os obriguem a “entregar as vantagens das cidades” e a revelar-se, segundo nossas condições²³.

Os muros ao longo da Rua al-Quds, em 2004 e 2008,

são exemplos disso. Os muros separaram, publicamente, o Exército Mahdi de sua principal fonte de receita, da maioria de suas avenidas para o resto de Bagdá e de seus principais pontos de tiro indireto e áreas de emprego de dispositivos explosivos improvisados. O muro ameaçava o espectro de controle do Exército Mahdi, obrigando-o a conduzir ações ofensivas contra defesas organizadas.

Viaturas blindadas e seu efetivo emprego no combate de rua prolongado continuam a ser essenciais para as operações de combate em um denso ambiente urbano. Nos combates na Cidade de Sadr, os carros de combate e outras viaturas blindadas eram necessários para prover sobrevivência e potência de fogo. Isso implica considerável esforço de adestramento para manter as competências no combate de manobra de armas combinadas.

A população de uma megacidade ou suas favelas desafiará a capacidade de qualquer possível coalizão militar ocidental para conduzir operações de contrainsurgência tradicionais ou controle da população. Em operações de contrainsurgência do tipo estacionário entre 2003 e 2006, um batalhão mecanizado pesado dos EUA e um batalhão de infantaria leve do Exército iraquiano eram, normalmente, responsáveis pela Cidade de Sadr — uma proporção de um militar para cada 2.500 civis — com tropas blindadas pesadas adicionais lutando para entrar na área durante o combate pesado. Após os combates de março a maio de 2008, um “total de 12 batalhões de tropas ocuparam a Cidade de Sadr, com 4 batalhões das Forças dos EUA provendo apoio. Isso equivale, aproximadamente, a uma proporção de 1:275 de militares para civis, em comparação com a de 1:50 recomendada pelas Nações Unidas em operações de manutenção da paz”²⁴.

As megacidades e suas favelas não podem ser ignoradas. Incapazes de conter e controlar a geografia e população em expansão, os comandantes terão de gerenciar o risco ao alocar suas forças e facilitadores. Ao se retirarem, quase totalmente, da Cidade de Sadr entre 2006 e 2008, as tropas norte-americanas acabaram criando uma área segura e zona de apoio para o Exército Mahdi e os grupos dele derivados. Inevitavelmente, isso criou condições que obrigaram as Forças dos EUA e do Iraque ao combate para reingressar na área. Inversamente, em 2004 e 2008, os comandantes norte-americanos tiraram proveito de um muro e da

dimensão humana para investir contra uma ampla faixa do espectro de controle do Exército Mahdi.

Da mesma forma, futuros comandantes devem explorar “pontos de pressão”, capacitando Forças relativamente pequenas a gerar grandes efeitos e mitigando restrições de recursos. As técnicas inovadoras podem gerar benefícios imprevistos. Por exemplo, o programa de recompra de armas da Força-Tarefa *Lancer*, em 2004 foi bastante utilizado pelos negociantes de armas da Cidade de Sadr, gerando o benefício imprevisto de fazer o preço de rua de armas como o AK-47 e os lança-granada foguetes disparar, temporariamente, e ultrapassar a faixa acessível para a maioria das células do Exército Mahdi²⁵.

A governança é a chave. Louis DiMarco sustenta que o sucesso das operações urbanas requer a representação da população²⁶. A diferença mais significativa entre as ações dos EUA em 2004 e em 2008 na Cidade de Sadr consiste no papel desempenhado pelo governo iraquiano e por suas Forças de segurança. O governo iraquiano não estava em condições de se opor ao espectro de controle do Exército Mahdi nos primeiros anos das Operações *Iraqi Freedom*. Contudo, em 2008, o espectro de controle do Exército Mahdi na Cidade de Sadr havia diminuído, tornando-se mais predatório e imprevisível, e menos capacitado pelo fervor religioso. O governo iraquiano e suas abastadas organizações xiitas estavam prontas para conduzir uma disputa acirrada pelo controle do destino dos xiitas

iraquianos. Enquanto os EUA obtinham, mais uma vez, o domínio no combate e financiavam projetos de melhoria, o governo iraquiano e suas Forças de segurança tiravam proveito da assistência para arrancar o controle das mãos do Exército Mahdi por um bom período.

Conclusão

Os desafios enfrentados pelas tropas norte-americanas na Cidade de Sadr em 2004 e 2008 oferecem uma versão resumida do que nos aguarda nas futuras megacidades. As maneiras pelas quais os comandantes norte-americanos enfrentaram os desafios ligados à expansão urbana, às favelas populosas e aos esforços de um adversário armado para manter seu controle oferecem lições que podem ser aplicadas, desde que redimensionadas para o escalão divisão ou corpo de exército, a um ambiente mais amplo de megacidade.

Os futuros comandantes devem entender o ambiente e empregar facilitadores e técnicas inovadoras para compensar os desafios. Devem manter muitos dos pontos fortes fundamentais da nossa Força existente e, o que é mais importante, devem promover o envolvimento duradouro e confiável do governo e Forças de segurança locais. Caso aplique os conhecimentos obtidos a duras penas nos combates na Cidade de Sadr e reequilibre sabiamente os futuros investimentos, as tropas norte-americanas podem ser preparar para os conflitos nas futuras megacidades e suas favelas. ■

O Major Chris Bowers, do Exército dos EUA, atua como planejador junto à Força-Tarefa África/Sul da Europa do Exército dos EUA, em Vicenza, na Itália. É bacharel pela University of Richmond e mestre pela Georgetown University. Serviu na Cidade de Sadr, no Iraque, com a 3ª Divisão de Infantaria como oficial administrativo da equipe de transição militar entre 2005 e 2006.

Referências

Epígrafe Mike Davis, *Planet of Slums* (London: Verso, v06), p. 19. [“Planeta Favela”, Tradução de Beatriz Medina, 2006, Boitempo Editorial — N. do T.]

1. United Nations Human Settlements Programme (UN-Habitat), *State of the World's Cities 2010-2011* (London: Earthscan, 2008), p. 52-59.

2. Ericsson, *Networked Society: The Next Age of Megacities*, p.

3-5, <http://www.ericsson.com/res/docs/2013/the-next-age-of-megacities.pdf> (acesso em 22 jan. 2015).

3. Wikipedia, “List of Countries and Dependencies by Population”, http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_countries_by_population (acesso em 30 out. 2013); Joel Kotkin, “The World's Fastest Growing Megacities”, *Forbes*, 8 April 2013, <http://www.forbes.com/sites/joelkotkin/2013/04/08/the-worlds-fastest-growing-megacities/> (acesso em 18 out. 2013).

4. Ericsson, 3-5, <http://www.ericsson.com/res/docs/2013/the-next-age-of-megacities.pdf> (acesso em 22 jan. 2015); Davis, p. 17-19.
5. Davis, p. 28. O autor utiliza a estimativa conservadora de 1,5 milhão para a população da Cidade de Sadr, que a empata com a quarta maior favela.
6. United States Census Bureau, *Annual Estimates of the Resident Population for Incorporated Places over 50,000, Ranked by July 1, 2012 Population: April 1, 2010 to July 1, 2012*, <http://factfinder.census.gov/faces/tableservices/jsf/pages/productview.xhtml?sr=c=bkmk> (acesso em 22 jan. 2015).
7. Richard J. Norton, "Feral Cities", *Naval War College Review*, 56(4)(Autumn 2003): p. 97-106.
8. UN-HABITAT, p. 52-59.
9. David Kilcullen, *Out of the Mountains: The Coming Age of the Urban Guerrilla* (Oxford, UK: Oxford University Press, 2013). A discussão sobre a teoria de controle competitivo foi parafraseada do 3º capítulo deste livro.
10. Kilcullen, p. 160-161, citando James C. Scott, *The Moral Economy of the Peasant: Rebellion and Subsistence in Southeast Asia* (New Haven: Yale University Press, 1976), I, p. 3-4.
11. Interview with 2-5 CAV veteran, November 2013.
12. Dennis Steele, "Helping Iraq: A Block-by-Block Battle", *Army*, September 2004, http://www.ansa.org/publications/army-magazine/archive/2004/9/Documents/Steele_Helping_0904.pdf (acesso em 1 nov. 2013).
13. Entrevistas com veteranos do 2º/5º Btl Cav, nov.- dez. 2013.
14. "2-5 CAV Battle Damage Assessment", de um *briefing* do qual o autor participou, jan. 2005.
15. Michael Knights, "No Go No More: The Battle for Sadr City", *Jane's Intelligence Review* 20(7), July 2008, p. 21.
16. David E. Johnson, M. Wade Markel e Brian Shannon, *The 2008 Battle of Sadr City* (Santa Monica, CA: RAND Arroyo Center, 2011), p. 6-8. Relatos sobre o combate em 2008 foram extraídos, primordialmente, desta fonte.
17. Knights, p. 20-22.
18. Johnson et al., p. 10-13.
19. *Ibid.*, p. 14-16.
20. *Ibid.*, p. 16-17.
21. Knights, p. 21-22.
22. Stanford University, "Mapping Militant Organizations: Promised Day Brigades", 27 Aug. 2012, <http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/249> (acesso em 23 jan. 2015).
23. Johnson et al., p. 18-19.
24. Knights, p. 23.
25. Entrevistas com ex-oficiais do Estado-Maior do 2º/5º Btl Cav, nov.-dez. 2013.
26. Louis A. DiMarco, *Concrete Hell: Urban Warfare from Stalingrad to Iraq* (Oxford, UK: Osprey, 2012), p. 215.